

◆1. Política Econômica

As exportações brasileiras em 2001

O resultado da balança comercial no primeiro trimestre do ano não foi muito animador. No período de janeiro a março, a balança comercial brasileira registrou um déficit de US\$ 678 milhões, ante um déficit de apenas US\$ 19 milhões em igual período de 2000. As exportações, no primeiro trimestre deste ano, contra o mesmo período de 2000, apresentaram um crescimento de 14% e as importações, uma expansão de 20% no período. O resultado desfavorável da balança comercial tem resultado, de fato, de uma tendência de aceleração do crescimento das importações – ver seção Setor Externo – combinada a um movimento de desaceleração da expansão das exportações – ver Gráfico 1.1.

No primeiro trimestre de 2001, as vendas externas de produtos básicos destacaram-se, apresentando um crescimento de 29% no período. A tendência de aceleração do crescimento destas exportações é visível quando se considera o crescimento acumulado em 12 meses: este passou de uma taxa de 6% em dezembro, para 12% em março – ver Gráfico 1.1, novamente. O complexo soja tem liderado a expansão das vendas externas de produtos básicos, como resultado do crescimento da safra, da desvalorização do real e do aumento da demanda europeia pelo produto em substituição à farinha de origem animal. Entretanto, este movimento tem sido acompanhado pela desaceleração do aumento das exportações de manufaturados, que de uma taxa de variação em 12 meses de 19% em dezembro, caiu para 14% em março.

No que diz respeito à evolução do câmbio, segundo a Funcex, as taxas R\$/US\$ e efetiva apresentaram, no primeiro trimestre do ano um crescimento real acumulado de 8% e 2%, respectivamente, contra igual período de 2000 – ver Gráfico 1.2. Em relação a dezembro de 2000, o crescimento real acumulado é de 7% e 5%, respectivamente, para as taxas R\$/US\$ e efetiva. Em relação à taxa R\$/US\$, este crescimento tem refletido, principalmente, a recente aceleração da cotação nominal do dólar, resultante das incertezas em relação ao cenário externo, com destaque para a preocupação com a evolução da “crise” Argentina.

Quanto à evolução dos índices de *quantum*, segundo a Funcex, houve um crescimento acumulado de 13% no primeiro trimestre deste ano, ante igual período de 2000 – ver Gráfico 1.3. O destaque ficou com as vendas externas de produtos básicos, que registraram uma expansão acumulada de 34% do índice de *quantum*. De fato, a recuperação do valor exportado dos produtos básicos tem refletido mais um “efeito quantidade” do que um “efeito preço”, tendo em vista que os índices de preços em março de 2001, ainda encontravam-se significativamente abaixo dos registrados em média em 1998 – ver Gráfico 1.4.

A análise do destino das exportações demonstra que o Brasil continua mantendo-se como um *global trader*, apresentando uma inserção importante nos principais países e blocos econômicos do mundo – ver Tabela 1.1. No primeiro trimestre de 2001, os EUA foram o maior comprador, registrando uma participação de 26% no total

exportado pelo Brasil no primeiro trimestre de 2001 – ver Tabela 1.1. Com este resultado, os EUA superaram a União Européia, que vem em segundo lugar com uma participação de 25% do total exportado pelo Brasil. O total exportado para os EUA aumentou 20% no primeiro trimestre de 2001, contra igual período de 2000. No primeiro trimestre de 2000, a situação foi inversa com a União Européia liderando como receptora – 28% do total – e os EUA em segundo – 25% do total exportado pelo Brasil.

GRÁFICO 1.1
EXPORTAÇÕES: VARIAÇÃO DO ACUMULADO EM 12 MESES (%)

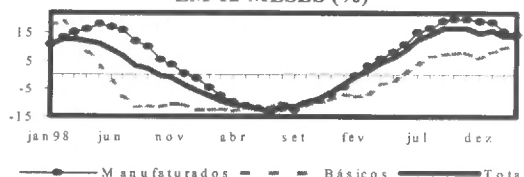


GRÁFICO 1.2
TAXA DE CÂMBIO R\$/US\$ E EFETIVA REAIS FUNCEX - 1998=100

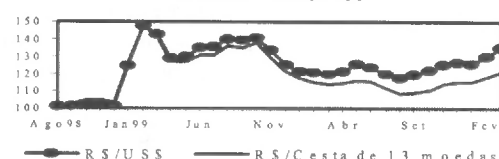


GRÁFICO 1.3
ÍNDICES DE QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES FUNCEX - 1998=100

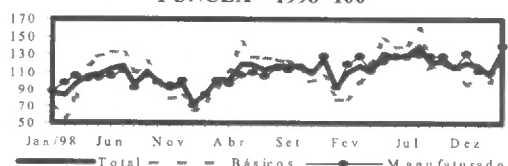


GRÁFICO 1.4
ÍNDICES DE PREÇOS DAS EXPORTAÇÕES FUNCEX - 1998=100

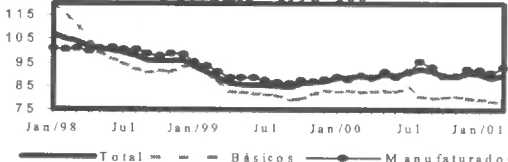


TABELA 1.1
DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PRINCIPAIS PAÍSES E BLOCOS ECONÔMICOS

	Jan/mar(01/00)	Part.(% (jan-mar)	
	Var. %	2001	2000
União Européia	3,0	25,4	28,2
ALADI	6,8	21,4	23,0
Mercosul	3,0	12,5	13,9
Demais	12,6	8,9	23,0
EUA	20,1	26,2	25,0
Ásia	6,2	10,2	11,0
China	93,8	2,0	1,2
Japão	-9,4	3,9	4,9
Demais	0,5	4,3	11,0
Europa Oriental	84,7	2,7	1,7
Outros	44,1	14,1	11,2
Total	20,0	100,0	100,0

Fonte: Banco Central.

ÍNDICE

- ◆2 - Nível de Atividade:
A taxa de desemprego em março.....2
- ◆3 - Inflação:
O resultado dos últimos índices.....3
- ◆4 - Finanças Públicas:
As NFSP no ano de 2001....4
- ◆5 - Mercado Financeiro:
Novo aumento da taxa de juros SELIC.....5
- ◆6 - Setor Externo:
As importações no primeiro trimestre do ano.....6
- ◆7 - Operações do BNDES e da FINAME.....7
- ◆8 - Anexo Estatístico.....9

◆2 - Nível de Atividade

O desempenho recente do nível de atividade

Os últimos dados disponíveis apontam, em linhas gerais, para a continuidade de crescimento do nível de atividade, ainda que em um ritmo menos acelerado.

Segundo o IBGE, a produção física industrial apresentou um crescimento de 1,5% em fevereiro, ante igual mês do ano anterior - ver Gráfico 2.1. No ano, o indicador acumulou uma variação positiva de 6,5%, ante o período janeiro/fevereiro de 2000.

Segundo a CNI, as vendas reais da indústria apresentaram uma expansão de 6,3% em fevereiro, contra o mesmo mês do ano anterior. No ano, o indicador acumulou um crescimento de 11,61%, em relação a janeiro/fevereiro de 2000. O nível de utilização da capacidade foi de 80% em fevereiro, mantendo-se estável em relação a igual mês do ano anterior.

Conforme a FIESP, o INA apresentou um desempenho diferenciado em relação aos outros indicadores. Em fevereiro, o INA registrou uma queda de 2,8%, em comparação ao mesmo mês de 2000. O indicador dessazonalizado ficou relativamente estável em comparação com janeiro.

Na análise da indústria por categorias de uso do IBGE, continuam destacando-se os desempenhos da produção física industrial de bens de capital e de bens de consumo duráveis, com crescimento de 8,7% e 3,5%, respectivamente, em fevereiro, contra igual mês de 2000 - ver Gráfico 2.2. Estas categorias de uso acumularam no ano até fevereiro taxas de crescimento de 17,6% e 11,2%, respectivamente, ante um crescimento acumulado de 6,5% registrado pela média da indústria.

A produção de autoveículos

Segundo a Anfavea houve um crescimento da produção de autoveículos de 23,5% no acumulado janeiro/março de 2000, em comparação a igual período de 2000 - ver Gráfico 2.3.

A taxa de desemprego em março

Em março, a taxa de desemprego aberto do IBGE foi de 6,5%, contra os 8,1% de igual mês de 2000 - ver Gráfico 2.4. Desde

GRÁFICO 2.1
INDICADORES DO NÍVEL DE ATIVIDADE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN 98=100

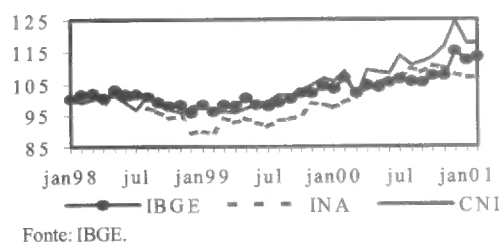


GRÁFICO 2.2
PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL IBGE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN98=100

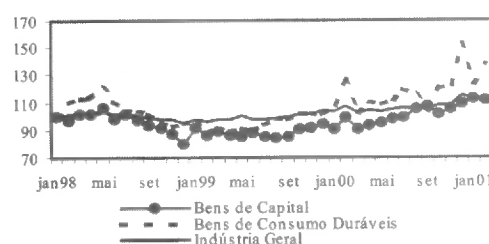


GRÁFICO 2.3
PRODUÇÃO DE AUTOVEÍCULOS - ANFAVEA
(EM MIL UNIDADES)

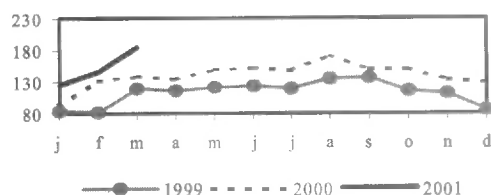
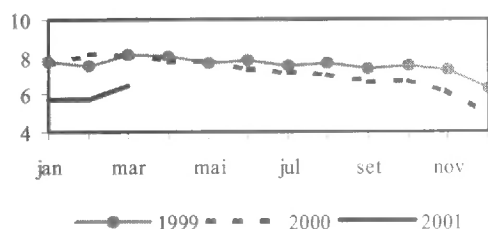


GRÁFICO 2.4
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO - IBGE



junho de 2000, a taxa de desemprego vem apresentando mensalmente valores inferiores aos registrados em igual mês do ano anterior. Isto demonstra que a retomada do crescimento do nível de atividade começou, finalmente, a impactar de forma mais significativa o mercado de trabalho.

◆3 - Inflação

O resultado dos últimos índices

O IPCA e o IGP-DI registraram taxas de inflação de 0,38% e 0,80%, respectivamente em março ante os 0,46% e 0,34% registrados no mês anterior – Ver Tabela 3.1. O IPC-FIPE apresentou uma inflação de 0,51% no mês de março. A inflação média – calculada a partir dos três índices citados anteriormente – ficou em 0,56% em março, ante o 0,30% registrado em fevereiro. A inflação média acumulada em 12 meses subiu de 6,73% em fevereiro para 7,11% em março – ver Gráfico 3.1.

O núcleo da inflação, por sua vez, apresentou uma taxa de variação acumulada em 12 meses de 4,43%, acima dos 4,12% registrados no acumulado em 12 meses até fevereiro – ver Tabela e Gráfico 3.2.

O IPC-FIPE

O Índice de Preços ao Consumidor, divulgado pela FIPE, registrou, na terceira quadrissemana de abril, uma inflação de 0,58%, frente a inflação de 0,51% registrada no mês anterior. Os destaques de alta ficaram com os itens alimentação (2,32%) e saúde (0,64%). Em relação à alimentação, a principal pressão de alta continuou vindo dos preços dos produtos *in natura* que vem apresentando uma aceleração da taxa de inflação ao longo do mês: a variação que foi de 4,59% na primeira quadrissemana, atingiu 7,25% na terceira quadrissemana. Os transportes e habitação registraram reajustes de 0,35% e 0,11% no período. O item vestuário apresentou uma estabi-

TABELA 3.1
INFLAÇÃO MENSAL (%)

Mês	Índices de preços			
	IGP-DI	IPCA	FIPE	Média
jan99	1,15	0,70	0,50	0,78
fev	4,44	1,05	1,41	2,30
mar	1,98	1,10	0,56	1,21
abr	0,03	0,56	0,47	0,35
mai	-0,34	0,30	-0,37	-0,14
jun	1,02	0,19	-0,08	0,38
jul	1,59	1,09	1,09	1,26
ago	1,45	0,56	0,74	0,92
set	1,47	0,31	0,91	0,90
out	1,89	1,19	1,13	1,40
nov	2,53	0,95	1,48	1,65
dez	1,23	0,60	0,49	0,77
jan00	1,02	0,62	0,57	0,74
fev	0,19	0,13	-0,23	0,03
mar	0,18	0,22	0,23	0,21
abr	0,13	0,42	0,09	0,21
mai	0,67	0,01	0,03	0,24
jun	0,93	0,23	0,18	0,45
jul	2,26	1,61	1,40	1,76
ago	1,82	1,31	1,55	1,56
set	0,69	0,23	0,27	0,40
out	0,37	0,14	0,01	0,17
nov	0,39	0,32	-0,05	0,22
dez	0,76	0,59	0,26	0,54
jan01	0,49	0,57	0,38	0,48
fev	0,34	0,46	0,11	0,30
mar	0,80	0,38	0,51	0,56

GRÁFICO 3.1
INFLAÇÃO
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES (%)

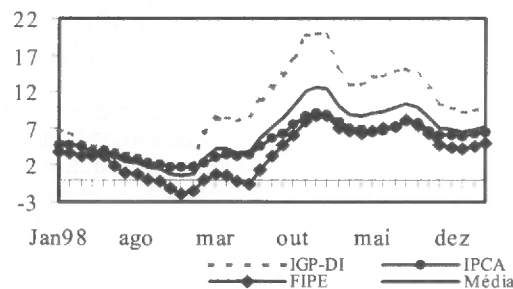


GRÁFICO 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)

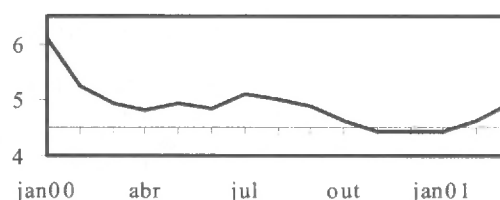


TABELA 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)

	IPC/FGV		Core	
	Mês	12 meses	Mês	12 meses
jan00	1,01	9,52	0,45	5,62
fev	0,05	8,04	0,17	4,73
mar	0,51	7,57	0,24	4,42
abr	0,25	7,28	0,26	4,31
mai	0,40	7,63	0,39	4,44
jun	-0,01	6,92	0,16	4,33
jul	1,91	7,67	0,74	4,60
ago	0,86	8,08	0,27	4,49
set	0,04	7,92	0,13	4,39
out	0,02	6,95	0,21	4,12
nov	0,40	6,19	0,35	3,94
dez	0,62	6,21	0,50	3,94
jan01	0,64	5,82	0,44	3,93
fev	0,40	6,19	0,36	4,12
mar	0,56	6,25	0,53	4,43

lidade de seus preços na terceira quadrissemana de abril. Finalmente, o item despesas pessoais registrou uma deflação de 0,71%. A FIPE projeta uma taxa de inflação de 0,60% para o fechamento do mês de abril. Para o ano de 2001, a projeção é de uma inflação acumulada de 4%.

O IGP-M

Em abril, o IGP-M, registrou uma taxa de variação de 1,00%, significativamente superior ao 0,82% de março.

O IPA-M, o IPC-M e o INCC-M registraram, em abril, respectivamente, taxas de inflação de 1,24 %, 0,74% e 0,28%.

◆4 - Finanças Públicas

As NFSP no ano de 2001

O déficit público nominal foi de 5,21% do PIB no acumulado janeiro-março de 2001, ante os 1,88% do PIB de igual período de 2000, e os 4,48% do PIB em todo o ano de 2000 – ver Tabela 4.1.

O total de despesas com o pagamento dos juros nominais sobre a dívida pública atingiu 10,46% do PIB no período, contra os 7,34% do PIB de janeiro-março de 2000, e os 8,02% do PIB em 2000.

Em relação ao resultado primário, houve um superávit de 5,24% do PIB no período, ante um superávit de 5,46% do PIB do primeiro trimestre de 2000, e os 3,54% do PIB em 2000 como um todo.

A evolução das receitas federais

Segundo a Secretaria da Receita Federal (SRF), a arrecadação apresentou uma redução real de 12,6% em março de 2001, ante o mesmo mês de 2000 – ver Tabela 4.2. No acumulado no primeiro trimestre, a arrecadação registrou uma redução real de 3,2%, ante igual período de 2000.

Títulos Públicos Federais

A observação dos títulos federais classificados por indexador aponta para o aumento da participação dos títulos públicos indexados ao câmbio: em março, estes apresentaram um percentual de 23,2% do total de títulos federais, contra os 21,7% observados em média no ano de 2000 – ver Tabela 4.3. Os títulos indexados à taxa over/SELIC continuaram apresentando a maior participação,

TABELA 4.1
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (NFSP)(1) - em % do PIB

	2000		2001
	jan-mar	ano	jan-mar
Nominal	1,88	4,48	5,21
Governo Central	-0,09	2,28	4,13
Governo Federal	0,94	2,28	2,40
Banco Central	-0,65	0,84	2,44
Empresas Estatais Federais	-0,38	-0,84	-0,71
Governos Regionais	1,97	2,19	1,08
Governos Estaduais	1,91	1,82	1,10
Governos Municipais	0,10	0,27	-0,21
Empresas Estatais Estaduais	-0,03	0,09	0,20
Empresas Estatais Municipais	-0,01	0,01	-0,01
Juros Nominais	7,34	8,02	10,46
Governo Central	3,76	5,12	7,49
Governo Federal	4,41	4,24	5,09
Banco Central	-0,72	0,79	2,39
Empresas Estatais Federais	0,07	0,08	0,01
Governos Regionais	3,58	2,90	2,97
Governos Estaduais	2,92	2,25	2,09
Governos Municipais	0,46	0,41	0,31
Empresas Estatais Estaduais	0,18	0,23	0,55
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,02	0,01
Primário	-5,46	-3,54	-5,24
Governo Central	-3,85	-2,83	-3,36
Governo Federal	-4,18	-2,87	-3,38
Banco Central	0,06	0,04	0,05
INSS	0,71	0,92	0,69
Empresas Estatais Federais	-0,45	-0,92	-0,72
Governos Regionais	-1,61	-0,71	-1,89
Governos Estaduais	-1,01	-0,43	-1,00
Governos Municipais	-0,36	-0,14	-0,52
Empresas Estatais Estaduais	-0,21	-0,14	-0,35
Empresas Estatais Municipais	-0,02	0,00	-0,02

Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: (1)(-) = superávit

que atingiu 50,8% do total em março de 2001. Os títulos pré-fixados, por sua vez, registraram uma participação de 14,5% do total, em março de 2001.

A dívida líquida do setor público

A dívida líquida do setor público – excluindo base monetária – foi de 46,5% do PIB em março de 2001, um valor superior aos 45,1% do PIB registrados em 2000 – ver Tabela 4.4.

TABELA 4.2
ARRECADAÇÃO DAS RECEITAS FEDERAIS
a preços de março de 2001

Ano	Arrecadação (R\$ milhões)			Variação (%)		
	Fev	Mar	Jan/Mar	Mar01/ Fev01	Mar01/ Mar00	Jan/Mar01/ Jan/Mar00
2000	14266	17039	47178	-	-	-
2001	13228	14895	45691	12,6	-12,6	-3,2

Fonte: Secretaria da Receita Federal.

TABELA 4.3
TÍTULOS PÚBLICOS FEDERAIS:
PARTICIPAÇÃO POR INDEXADOR (%)

Indexadores	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001(mar)
Câmbio	8,3	5,3	9,4	15,4	21,0	24,2	21,7	23,2
SELIC	16,0	37,8	18,6	34,8	69,1	61,1	52,4	50,8
Pre-fixados	40,2	42,7	61,0	40,9	3,5	9,2	15,3	14,5
IGP/IGP-M	12,5	5,3	1,8	0,3	0,4	2,4	5,9	7,0
Outros	23,0	8,9	9,2	8,6	6,0	3,1	4,7	4,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.4
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO - FIM DE PERÍODO (% PIB) (1)

Composição	1996	1997	1998	1999	2000	2001 (mar)
<u>Dívida interna</u>	27,0	26,4	32,5	34,4	35,4	36,7
Governo Central	12,0	13,1	17,2	17,7	19,2	19,4
Gov. estaduais e municipais	11,1	12,4	14,0	15,5	15,3	16,6
Empresas estatais	3,9	0,9	1,3	1,3	0,9	0,7
<u>Dívida externa</u>	3,9	4,3	6,4	10,4	9,7	9,8
Governo Central	1,6	1,9	4,3	7,9	7,5	7,3
Gov. estaduais e municipais	0,4	0,5	0,7	0,9	0,9	1,0
Empresas estatais	1,9	1,9	1,4	1,5	1,3	1,5
<u>Dívida total</u>	30,9	30,7	38,9	44,9	45,1	46,5
Governo Central	13,6	15,0	21,5	25,6	26,7	26,7
Gov. estaduais e municipais	11,5	12,9	14,7	16,3	16,2	17,6
Estados	n.d.	11,1	12,7	14,1	14,1	15,5
Municípios	n.d.	1,8	2,0	2,2	2,1	2,1
Empresas estatais	5,8	2,8	2,7	2,8	2,2	2,2
Federais	2,5	1,0	0,5	0,4	-0,4	-0,7
Estaduais	3,2	1,7	2,1	2,2	2,4	2,7
Municipais	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2
Base monetária	2,4	3,6	4,4	4,6	4,2	3,5
Dívida total com base monetária	33,3	34,3	43,3	49,5	49,3	50,0

Fonte: Banco Central

Nota: (1) Exclui base monetária.

◆5 - Mercado Financeiro

Novo aumento da taxa de juros SELIC

Na última reunião do Copom – realizada ao longo dos dias 17 e 18 de abril –, o Banco Central decidiu elevar a taxa Selic de 15,75% ao ano para 16,25% ao ano – ver Gráfico 5.1.

Em relação ao cenário externo, esta decisão tomou como base a: i) a continuidade da volatilidade do preço do petróleo no mercado à vista, ainda que tenha começado a se delinear uma tendência de queda nos mercados futuros; ii) o desempenho ainda incerto da economia dos EUA; e iii) as dificuldades da economia argentina.

Quanto ao cenário interno, pesaram os seguintes fatores: i) o aumento do núcleo da inflação; ii) a inflação observada acima das expectativas nos últimos meses; e iii) tendo em vista a pressão recente sobre a taxa de câmbio, a incerteza quanto ao grau de repasse para os preços ao consumidor da depreciação cambial recente.

Para os próximos meses, há alguns sinais positivos. A divulgação do crescimento real anualizado de 2,0% do PIB dos EUA no primeiro trimestre – acima das expectativas do mercado –, sugere que o pior já possa ter passado e que haja um desempenho ainda melhor nos próximos trimestres, tendo em vista a recente redução da taxa de juros dos EUA de 5,0% para 4,5% ao ano. O Banco Central trabalha com a perspectiva de uma nova redução de 0,5 ponto percentual da taxa dos *fed funds* até o final do ano de 2001, mantendo-se estável em 4,0% ao ano a partir de então. Além disso, o mercado tem mostrado expectativas positivas quanto ao plano de reestruturação da dívida da Argentina.

No mercado futuro, as taxas de juros DI, anualizadas, projetadas para maio, junho e julho de 2001 fecharam, em 30/04, em 17,81%, 18,97% e 19,79%, respectivamente.

A evolução do spread de risco

Refletindo as incertezas do ambiente internacional, principalmente no que diz respeito aos mercados emergentes, o *spread* médio de risco soberano do Brasil (*Par bond*) – pontos básicos sobre o bônus do Tesouro dos EUA de características semelhantes – aumentou em abril, passando de 895 para 970 – ver Gráfico 5.2 e Tabela 5.1.

O Mercado de Câmbio

No dia 30/04, a cotação da Ptax (venda) foi de R\$ 2,1847, superior ao R\$ 2,1616 registrado no final do mês de março – ver Gráfico 5.3. Com este resultado, a desvalori-

zação nominal do Real acumulada no ano até abril foi de cerca de 12%.

Os contratos de US\$ futuro com fechamento em primeiro de junho e julho tiveram, em 30/04, uma cotação de R\$ 2,2146 e R\$ 2,2293 respectivamente.

GRÁFICO 5.1
TAXA SELIC (%)

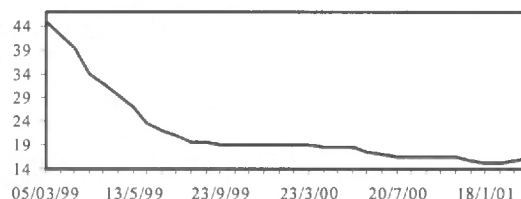


GRÁFICO 5.2
SPREAD DE RISCO SOBERANO

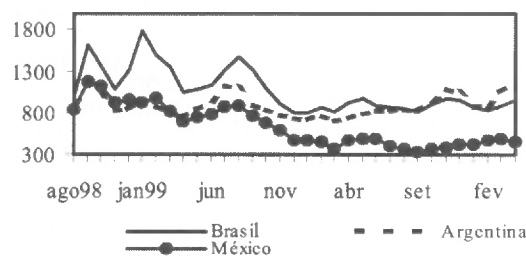
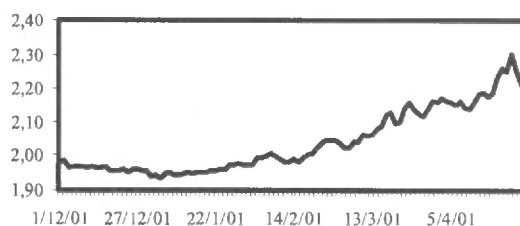


TABELA 5.1
SPREAD DE RISCO SOBERANO

Mês	Médias Mensais: Par-bond		
	Brasil	Argentina	México
1999	1233	901	769
2000	895	857	423
Jan/00	802	745	474
Fev/00	880	784	462
Mar/00	818	715	365
Abr/00	937	757	477
Mai/00	991	813	500
Jun/00	898	841	493
Jul/00	874	838	412
Ago/00	853	854	376
Set/00	834	840	335
Out/00	906	957	366
Nov/00	986	1098	391
Dez/00	959	1045	431
Jan/01	875	891	421
Fev/01	848	901	479
Mar/01	895	1075	487
Abr/01	970	1186	465

GRÁFICO 5.3
Ptax VENDA



◆6 - Setor Externo

As importações no primeiro trimestre do ano

Como discutido na seção Política Econômica, o resultado da balança comercial no primeiro trimestre de 2001 deveu-se, principalmente, a uma tendência de aceleração do crescimento das importações, ante um movimento de desaceleração da taxa de expansão das exportações – ver Gráfico 6.1.

No que diz respeito às importações, o crescimento de 20% acumulado de janeiro a março – contra igual período de 2000 –, decorreu principalmente do crescimento das compras externas de bens de capital, combustíveis e lubrificantes e matérias-primas e bens intermediários. A variação do acumulado em 12 meses demonstra claramente a aceleração do crescimento das importações: de uma taxa negativa de 8% registrada em março de 2000, atinge-se uma taxa positiva de 15% em março de 2001 – ver Gráfico 6.2. Neste mesmo período de comparação é visível a aceleração das taxas de crescimento das compras externas de bens de capital e matérias-primas e bens intermediários.

O aumento das compras externas de combustíveis e lubrificantes continua refletindo o preço internacional do petróleo, que ainda prossegue em um nível elevado. Entretanto, vale ressaltar, que o resultado acumulado em 12 meses já demonstra uma certa desaceleração do crescimento destas importações, que chegou a atingir uma taxa de expansão de 60% em outubro de 2000. De qualquer forma, é importante ressaltar que esta categoria de uso tem uma pequena participação na pauta de importações brasileira, de apenas 10% do total de compras externas do país – ver Tabela 6.1.

A análise da evolução das importações torna-se preocupante quando consideramos o comportamento das rubricas matérias-primas e produtos intermediários, e bens de capital, com alta participação no total importado pelo país, de 50% e 27%, respectivamente – ver Tabela 6.1, novamente. A retomada das compras externas destas categorias de uso tem refletido a recuperação da atividade industrial do país, em um contexto de maior coeficiente de importação, após o processo de abertura comercial iniciado nos anos 90. Esta situação mostra a significativa participação de importados na produção dos setores que têm liderado o movimento de retomada da economia. O setor de eletroeletrônicos, por exemplo, apesar de apresentar um crescimento expressivo de suas exportações, tem apresentado um déficit comercial crescente.

Dado o atual coeficiente de importação da economia e o fato de a pauta estar concentrada em produtos essenciais à retomada do crescimento (matérias-primas, bens intermediários e bens de capital), é remota a possibilidade de reduzi-las no curto prazo. Vale ressaltar, entretanto, que o movimento recente de alta das taxas de juros poderá levar a uma desaceleração do crescimento econômico, o que caso ocorra, certamente leva-

GRÁFICO 6.1
VARIAÇÃO DO ACUMULADO EM 12 MESES(%)

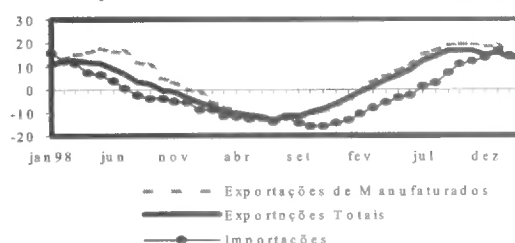


GRÁFICO 6.2
IMPORTAÇÕES:
VARIAÇÃO DO ACUMULADO EM 12 MESES(%)

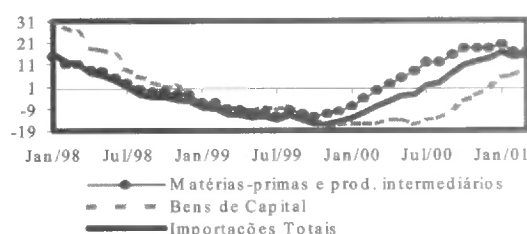


TABELA 6.1
COMPOSIÇÃO DA PAUTA DE IMPORTAÇÕES
DO BRASIL (% DO TOTAL IMPORTADO)

Período	Mat.primas e prod. interm.	Comb. e lubrif.	Bens de Capital	Bens de Consumo	Total Geral
1995	45	10	23	22	100
1996	46	12	24	18	100
1997	45	10	27	18	100
1998	46	7	28	19	100
1999	49	9	28	15	100
2000	51	11	24	13	100
2001	50	10	27	13	100

Fonte: Secex.

rá a uma redução das importações destas categorias de uso. Além disso, certamente, a esperada tendência de recuo do preço internacional do barril petróleo também poderia colaborar para uma redução das compras externas, mas teria um efeito limitado, tendo em vista a pequena participação de combustíveis e lubrificantes na pauta. Em um horizonte mais amplo, as iniciativas de investimento em fornecedores nacionais de peças e componentes estimuladas pelo ajuste do câmbio em 1999, poderão levar a um processo de substituição de importações de alguns produtos – principalmente, de bens intermediários e matérias-primas –, o que também colaborará para uma melhora do resultado comercial.

A balança comercial em abril

A balança comercial registrou em abril um pequeno superávit de US\$ 120 milhões, com exportações de US\$ 4,73 bilhões e importações de US\$ 4,61 bilhões. Com este resultado, nos quatro primeiros meses do ano de 2001, a balança comercial acumulou um déficit de US\$ 558 milhões, contra um superávit de US\$ 166 milhões registrado em igual período de 2000.

◆7 - Operações do BNDES e FINAME

A evolução das operações

O valor dos desembolsos de recursos do BNDES registrou um crescimento real de 23% no acumulado em 12 meses até março de 2001 - ver Gráficos da página seguinte. Os desembolsos da FINAME, por sua vez, registraram uma expansão real de 89%, no período.

O valor das aprovações do BNDES aumentou 36% em termos reais no acumulado em 12 meses até março de 2001. O valor das aprovações da FINAME, por sua vez, apresentou uma expansão real de 85% no período - ver Gráficos da página seguinte.

O valor das consultas - pedidos de financiamento - do BNDES registrou uma expansão real de 4% no acumulado em 12 meses até março. No que diz respeito à FINAME, o valor das consultas apresentou uma expansão real de 63% no período.

Desembolsos por tipo de operação e empresa do BNDES

Os desembolsos do Sistema BNDES registraram o montante de R\$ 5,3 bilhões no acumulado no ano até março de 2001, ante os R\$ 3,8 bilhões registrados em igual período de 2000, ambos a preços de março de 2001 - ver Tabela 7.1. A BNDESPAR apresentou uma expansão real de 395% de seus desembolsos no período. A FINAME registrou um crescimento de 74% de seus desembolsos. O BNDES, por sua vez, apresentou uma expansão real de 3% dos desembolsos no período. As operações indiretas apresentaram uma expansão real de 41% de seus desembolsos nos três primeiros meses de 2001, ante igual período de 2000. As liberações para operações diretas, por sua vez, registraram uma redução real de 36%.

A distribuição setorial dos desembolsos

A evolução dos desembolsos setoriais acumulados no ano a partir de janeiro de 1999 pode ser observada na Tabela 7.2. No primeiro trimestre de 2001, os destaques foram a indústria de transformação e a agropecuária, com crescimento real de 80% e 61%, respectivamente, de seus desembolsos. Os setores de infra-estrutura e serviços, por sua vez, apresentaram uma redução real de 26% e 15%, respectivamente, de seus desembolsos. No período janeiro/março de 2001, as liberações para a indústria de transformação registraram a maior participação - de 70% - no total desembolsado - ver Tabela 7.3.

TABELA 7.1
DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES (1)

Itens	Em R\$ milhões		
	2001	2000	Var. %
BNDES	2.462	2.385	3
Op. Diretas	741	1.164	-36
Op. Indiretas	1.721	1.220	41
FINAME	2.131	1.228	74
BNDESPAR	744	150	395
Total	5.337	3.765	42

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Valores acumulados até março de cada ano, a preços de março de 2001 - deflator IGP-DI.

TABELA 7.2
TX. DE CRESC. REAL ACUMULADA ATÉ O MÊS (1)

Meses	DESEMBOLSOS				Em %
	AGROP.	IND.	INFRA-	SERVIÇOS	TOTAL
	TRANSF. ESTRUTURA				
jan99	46	-13	-62	25	-19
fev	-25	12	-67	-11	-24
mar	-19	6	-31	3	-9
abr	-13	8	-59	-4	-27
mai	-5	5	-57	-2	-25
jun	-1	11	-57	-15	-25
jul	1	8	-61	-17	-27
ago	6	1	-59	-21	-29
set	-4	-5	-58	-23	-31
out	-6	-2	-55	-22	-28
nov	-14	-5	-47	-17	-25
dez	-14	0	-30	-17	-16
jan00	-2	-26	72	-5	-8
fev	2	-25	21	32	-11
mar	-14	-9	-29	1	-15
abr	-9	-15	-30	11	-17
mai	-13	-13	-12	-13	-13
jun	8	-20	-34	15	-19
jul	10	-17	27	16	-1
ago	14	-17	14	18	-3
set	20	-16	8	18	-4
out	25	0	1	11	3
nov	21	10	20	11	14
dez	30	10	15	9	12
jan/01	66	129	-44	-15	44
fev	53	64	-38	-35	23
mar	61	80	-26	-15	42

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Em relação a igual período do ano anterior - deflator: IGP-DI.

TABELA 7.3
DESEMB. SETORIAIS DO SISTEMA BNDES (1)

Setores	Em R\$ milhões			
	2000	2001	Var. %	Part% 2001
TOTAL	3765	5337	42	100,0
AGROPECUÁRIA	323	522	61	9,8
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	2086	3759	80	70,4
METALURGIA	523	953	82	17,9
MECÂNICA	129	310	140	5,8
MATERIAL DE TRANSPORTE	789	1192	51	22,3
CELULOSE E PAPEL	40	337	752	6,3
QUÍMICA, P.F., PERF.S. E VELAS	59	103	75	1,9
PROD. ALIMENTARES E BEBIDAS	306	473	54	8,9
OUTRAS	241	391	62	7,3
INFRA-ESTRUTURA	882	655	-26	12,3
SERVIÇOS	442	377	-15	7,1
OUTROS	32	24	-25	0,4

Fonte: AP/DEPLAN.

Nota: (1) Valores acumulados até março de cada ano, a preços de março de 2001 - deflator IGP-DI.

◆ Operações do BNDES e FINAME - Variação real (%)

(Acumulado 12 meses até o último mês *vis-à-vis* acumulado 12 meses até o mesmo mês do ano anterior.)

SISTEMA BNDES(1)

GRÁFICO 7.1

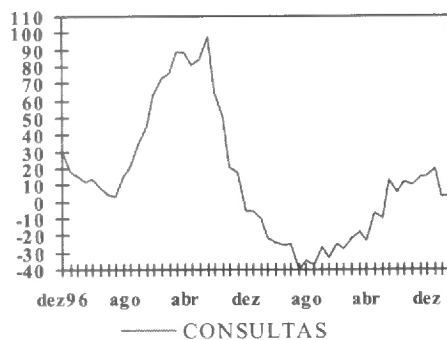


GRÁFICO 7.2

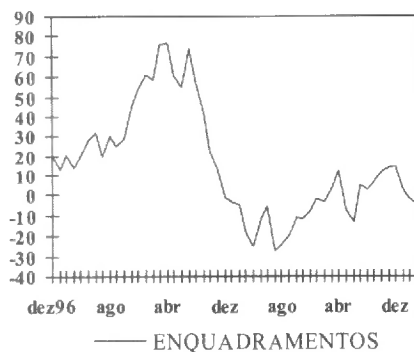


GRÁFICO 7.4

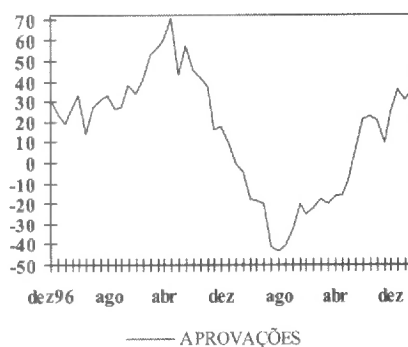
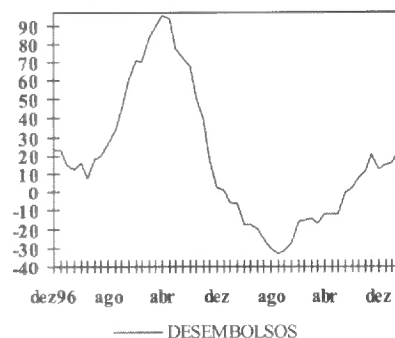


GRÁFICO 7.6



Fonte: AP/DEPLAN/GEPL/COEST.
Elaboração : AP/DEPEC/GESTE 2 e

3.

Notas: (1)) Inclui as operações do BNDES, FINAME e BNDESPAR.
Deflator: IGP-DI.

FINAME

GRÁFICO 7.3

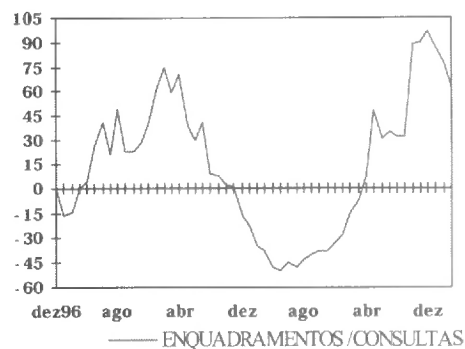


GRÁFICO 7.5

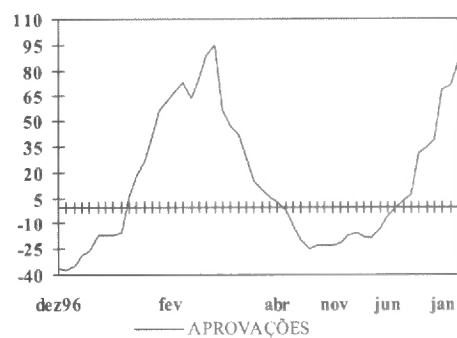
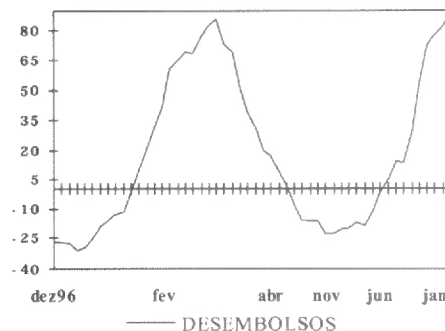


GRÁFICO 7.7



◆8 - Anexo Estatístico

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS INDICADORES

	IGP-M / FG V			Dólar Comercial (var.%) (1)			UM BNDDES (2)		
	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses
jan/99	0,84	0,84	1,67	64,08	64,08	76,49	58,15	58,15	76,58
fev	3,61	4,48	5,15	4,11	70,82	82,65	5,04	66,12	83,45
mar	2,83	7,44	7,92	-16,6	42,47	51,39	-16,92	38,01	54,69
abr	0,71	8,20	8,54	-3,56	37,40	45,12	-4,19	32,23	46,19
mai	-0,29	7,89	8,08	3,81	42,63	49,84	3,16	36,40	51,22
jun	0,36	8,27	8,06	2,64	46,40	52,94	2,55	39,88	55,37
jul	1,55	9,95	9,92	1,11	48,02	53,78	2,86	43,88	59,28
ago	1,56	11,67	11,81	7,08	58,50	62,77	7,75	55,04	67,91
set	1,45	13,29	13,52	0,33	59,02	62,11	1,13	56,79	65,71
out	1,70	15,21	15,36	1,60	61,57	63,66	1,65	59,38	61,75
nov	2,39	17,97	18,50	-1,55	59,06	60,05	-2,22	55,84	60,06
dez	1,81	20,10	20,10	-6,95	48,01	48,01	-7,07	44,82	44,82
jan/00	1,24	1,24	20,58	0,75	0,75	-9,12	-0,62	-0,62	-9,00
fev	0,35	1,59	16,78	-1,88	-1,14	-14,35	-2,53	-3,13	-15,55
mar	0,15	1,75	13,74	-1,20	-2,33	1,47	-0,28	-3,41	1,36
abr	0,23	1,98	13,20	3,40	0,99	8,79	1,51	-1,95	7,39
mai	0,31	2,30	13,88	1,10	2,10	5,95	1,61	-0,37	5,78
jun	0,85	3,17	14,44	-1,46	0,61	1,72	-0,86	-1,23	2,26
jul	1,57	4,79	14,46	-1,40	-0,80	-0,81	-2,42	-3,62	-2,99
ago	2,39	7,29	15,39	2,74	1,92	-4,83	2,50	-1,21	-7,72
set	1,16	8,54	15,06	1,11	3,05	-4,09	0,75	-0,47	-8,07
out	0,38	8,95	13,57	3,54	6,70	-2,25	2,90	2,41	-6,95
nov	0,29	9,26	11,24	2,65	9,53	1,92	2,75	5,23	-2,21
dez	0,63	9,95	9,95	-0,21	8,48	9,30	-0,01	5,22	5,22
jan/01	0,62	0,62	9,28	0,80	0,80	9,35	0,47	0,47	6,38
fev	0,23	0,85	9,15	3,76	4,59	15,64	3,49	3,98	12,95
mar	0,56	1,42	9,59	5,69	10,54	23,70	3,90	8,03	17,66
abr	1,00	2,43	10,44	1,07	11,72	20,92	1,51	9,66	17,66

Fonte: BNDES e Gazeta Mercantil.

Notas:

(1) Taxa de final de período.

(2) Variação cambial da cesta de moedas do BNDES (UMBNDDES).

QUADRO DAS PREVISÕES ANUAIS (1)

INSTITUIÇÕES	PIB (1)								FBCF		NFSP (% PIB)				Exportações		Importações		B. Comercial		Saldo em C. Corrente	
	TOTAL		IND(2)		AGR		SERV		(% do PIB)		Primário		Nominal		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)		(US\$ bilhões)	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
BBV	4,0	4,0	4,9	5,4	6,2	5,8	3,1	2,9	19,3	19,3	-3,1	-2,7	3,9	3,0	60,1	66,4	61,4	65,9	-1,3	0,5	-27,3	-27,0
Citibank	4,0	4,5	4,3	5,4	5,2	5,6	3,2	3,8	-	-	-3,2	-2,7	2,9	2,8	59,4	64,7	62,4	66,7	-3,0	-2,0	-28,5	-31,2
Fator	4,0	4,0	4,4	4,2	5,4	5,5	3,5	3,7	-	-	-3,1	-3,0	4,3	3,4	59,4	64,4	60,5	64,1	-1,1	0,3	-26,9	-28,7
Garantia	4,1	4,5	5,8	5,2	3,8	5,9	3,3	3,8	-	-	-3,2	-3,0	3,8	3,5	59,0	65,0	61,5	67,5	-2,5	-2,5	-29,5	-31,8
JP Morgan	3,5	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-2,5	-2,0	-	-	58,0	64,0	59,7	61,5	-1,7	2,5	-25,5	-23,3
LCA	4,1	4,1	4,6	4,3	5,7	5,5	3,6	3,7	-	-	-3,1	-3,0	4,2	3,3	59,7	64,8	61,0	64,6	-1,3	0,2	-27,4	-29,3
Macrométrica	5,0	4,4	6,8	5,9	2,2	2,9	3,9	3,4	17,7	-	-3,5	-2,9	3,3	3,9	58,3	62,2	59,0	60,3	-0,7	2,0	-24,9	-21,7
MCM Consultores	4,0	4,2	4,3	4,7	5,2	2,5	3,7	4,2	20,4	21,2	-3,0	-	4,4	-	59,7	65,7	61,3	66,2	-1,6	-0,5	-27,3	-28,7
Rosenberg	4,2	4,0	4,7	4,9	5,4	5,0	3,5	3,3	-	-	-3,0	-2,7	5,3	3,5	62,0	70,0	63,0	67,0	-1,0	3,0	-27,3	-23,8
Tendências	4,0	4,6	4,4	5,5	4,1	3,7	3,4	3,9	20,0	20,6	-3,0	-2,7	3,6	2,8	57,2	61,5	58,2	61,8	-1,0	-0,3	-27,1	-27,1
MÉDIA	4,1	4,2	4,9	5,1	4,8	4,7	3,5	3,6	19,4	19,8	-3,4	-3,0	4,0	3,3	59,3	64,9	60,8	64,6	-1,5	0,3	-27,2	-27,3

Notas:

(1) Variação percentual.

(2) Exclusive Construção Civil e Serviços de Utilidade Pública.

INFLAÇÃO - QUADRO DAS PREVISÕES

INSTITUIÇÕES	IPC-FIPE				IGP-M			
	mai	jun	jul	2001	mai	jun	jul	2001
BBV	0,30	0,30	0,50	4,50	0,40	0,50	0,70	6,30
Citibank	0,20	0,25	0,55	4,00	0,50	0,50	0,55	5,80
Fator	-	-	-	-	0,40	0,50	0,60	6,50
Garantia	0,50	0,50	0,50	4,20	0,50	0,50	0,60	-
LCA	-	-	-	4,40	-	-	-	-
Macrométrica	0,34	0,67	1,33	4,64	0,49	0,69	0,52	4,83
MCM Consultores	0,50	0,45	0,55	5,20	0,20	0,70	0,85	6,70
Rosenberg	-	-	-	5,00	-	-	-	6,00
Tendências	0,20	0,30	0,60	3,90	0,40	0,40	0,70	6,30
Média	0,34	0,41	0,67	4,48	0,41	0,54	0,65	6,06

ÍNDICES ECONÔMICOS

mês	Taxa de variação dos preços (%)						Taxa Referencial de juro (%)	Taxa de Câmbio-venda SP R\$/US\$		
	IPCA	IPC (FIP E)	IGP-M (FGV)	IGP-DI (FGV)	IPA-DI (FGV)	IPA Ind (FGV)		Comercial Média	Comercial (I)	Paralelo (I)
jan/99	0,70	0,50	0,84	1,15	1,58	1,82	0,52	1,50	1,98	2,00
fevereiro	1,05	1,41	3,61	4,44	6,99	5,97	0,83	1,91	2,06	1,98
março	1,10	0,56	2,83	1,98	2,84	3,11	1,16	1,90	1,72	1,78
abril	0,56	0,47	0,71	0,03	-0,34	1,11	0,61	1,69	1,66	1,72
maio	0,30	-0,37	-0,29	-0,34	-0,82	0,71	0,58	1,68	1,72	1,73
junho	0,19	-0,08	0,36	1,02	1,35	0,89	0,31	1,77	1,77	1,82
julho	1,09	1,09	1,55	1,59	2,03	2,26	0,29	1,82	1,79	1,86
agosto	0,56	0,74	1,56	1,45	2,15	2,15	0,29	1,88	1,92	1,98
setembro	0,31	0,91	1,45	1,47	2,30	2,06	0,27	1,90	1,92	1,98
outubro	1,19	1,13	1,70	1,89	2,58	2,15	0,23	1,97	1,95	2,02
novembro	0,95	1,48	2,39	2,53	3,59	2,10	0,20	1,93	1,92	2,02
dezembro	0,60	0,49	1,81	1,23	1,60	0,97	0,30	1,85	1,79	1,95
Acum. Ano	8,94	8,64	20,10	19,99	28,88	28,32	5,74	-	-	-
jan/00	0,62	0,57	1,24	1,02	1,02	0,98	0,21	1,80	1,80	1,95
fevereiro	0,13	-0,23	0,35	0,19	0,17	0,74	0,23	1,78	1,77	1,88
março	0,22	0,23	0,15	0,18	-0,05	0,60	0,22	1,74	1,75	1,88
abril	0,42	0,09	0,23	0,13	-0,02	0,32	0,13	1,77	1,81	1,87
maio	0,01	0,03	0,31	0,67	0,69	0,72	0,25	1,83	1,83	1,92
junho	0,23	0,18	0,85	0,93	1,45	0,64	0,21	1,81	1,80	1,93
julho	1,61	1,40	1,57	2,26	2,79	2,48	0,12	1,80	1,77	1,93
agosto	1,31	1,55	2,39	1,82	2,56	1,70	0,20	1,81	1,82	1,94
setembro	0,23	0,27	1,16	0,69	1,09	0,67	0,10	1,84	1,84	1,99
outubro	0,14	0,01	0,38	0,37	0,56	0,45	0,13	1,88	1,91	2,02
novembro	0,32	-0,05	0,29	0,39	0,38	0,57	0,12	1,95	1,96	2,07
dezembro	0,59	0,26	0,63	0,76	0,85	1,15	0,10	1,96	1,96	2,18
Acum. Ano	5,97	4,38	9,95	9,80	12,06	11,57	2,07	-	-	-
jan/01	0,57	0,38	0,62	0,49	0,40	0,78	0,14	1,95	1,97	2,14
fevereiro	0,46	0,11	0,23	0,34	0,31	0,31	0,04	2,00	2,05	2,14
março	-	0,51	0,56	0,80	1,01	0,27	0,17	2,09	2,16	2,21
abril	-	-	1,00	-	-	-	0,15	2,19	2,18	2,25
Acum. Ano	1,03	1,00	2,43	1,64	1,73	1,37	0,50	-	-	-

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Cotação de final de período.

REMUNERAÇÃO REAL DOS ATIVOS FINANCEIROS (%) (1)

Mês	Bolsa SP	Poupança	Over	Ouro-Spot	Paralelo	Comercial	CDB
jan/00	-5,28	-0,51	0,22	-2,40	-1,22	-0,48	-0,03
fev	7,38	0,38	1,10	1,03	-3,93	-2,22	0,85
mar	0,75	0,57	1,30	-5,37	-0,15	-1,35	0,87
abr	-13,01	0,40	1,06	5,09	-0,76	3,16	0,82
mai	-4,03	0,44	1,19	0,59	2,36	0,79	0,86
jun	10,90	-0,14	0,53	2,96	-0,33	-2,29	0,20
jul	-3,16	-0,93	-0,26	-3,11	-1,55	-2,93	-0,47
ago	2,96	-1,64	-0,96	-1,32	-1,82	0,34	-1,34
set	-9,23	-0,55	0,07	-1,14	1,40	-0,04	-0,23
out	-7,02	0,25	0,90	-1,24	1,12	3,15	0,58
nov	-10,88	0,33	0,93	2,18	2,18	2,36	0,66
dez	14,12	-0,03	0,56	-0,52	4,65	-0,84	0,34
Acum. no ano	-18,80	-1,45	6,82	-3,63	1,67	-0,59	3,13
jan/01	15,10	0,02	0,64	-2,85	-2,44	0,18	0,38
fev	-10,28	0,31	0,79	2,35	-0,23	3,52	0,74
mar	-9,65	0,11	0,69	0,83	2,69	5,10	0,39
abr	2,30	-0,34	0,19	2,89	0,80	0,07	0,04
Acum. no ano	-4,55	0,10	2,33	3,16	0,75	9,07	1,56

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Deflacionados pelo IGP-M.

CUSTO DO CRÉDITO (1)

Mês	TJLP	LIBOR(2)	Capital de Giro pré fixado(2)	Res. 63(3)	Desconto de duplicatas(4)	Export notes(3)	ACC(3)	Repasse do BNDES(5)	
								BNDES/FINAME automáticos	FINAME agrícola
jan99	12,84	4,91	75,22	20,32	5,68	11,98	11,74	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,06	81,82	53,87	6,08	14,83	12,56	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	5,06	75,71	25,50	5,77	13,00	12,85	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	13,48	5,04	74,19	18,81	5,67	15,92	11,34	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	5,25	65,15	17,12	5,09	16,78	10,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	5,62	60,48	15,22	4,63	13,00	10,58	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	14,05	5,71	57,90	13,16	4,36	11,56	10,70	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	5,92	54,74	13,15	4,22	12,54	10,67	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	5,93	54,10	12,99	4,11	17,49	10,73	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	12,50	6,12	50,04	12,74	3,84	14,78	10,73	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,06	49,85	12,77	3,91	14,70	9,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,13	49,81	12,76	3,79	14,71	10,06	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan00	12,00	6,17	49,07	11,93	3,84	15,72	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	6,29	46,32	13,02	3,61	14,31	10,30	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	6,53	46,73	11,56	3,68	9,18	9,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	11,00	6,51	43,43	11,66	3,52	8,87	9,61	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	6,98	43,64	11,77	3,58	9,85	9,60	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	6,92	34,39	11,78	3,25	10,87	10,44	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	10,25	6,87	33,07	9,59	3,10	9,97	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	6,83	35,99	10,04	3,41	9,07	8,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	6,70	30,42	9,32	2,92	9,01	9,23	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	9,75	6,67	32,24	12,08	3,12	10,81	9,14	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,64	30,91	10,09	2,94	9,36	9,36	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,31	30,73	10,47	2,97	11,74	8,98	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan01	9,25	5,45	32,90	8,82	3,10	10,26	8,19	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,15	27,52	8,05	2,65	14,75	7,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	4,75	32,60	8,41	3,11	-	7,20	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr(6)	9,25	4,42	31,59	8,55	3,29	13,91	7,16	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Capital de giro, Res. 63, Desconto de duplicatas, Export notes e ACC, calculados a partir de dados do SISBACEN. (2) % ao ano. (3) % ao ano mais correção cambial. (4) Taxa antecipada - % ao mês (média mensal). (5) % ao ano + TJLP + spread de risco do agente financeiro. (6) Capital de giro, Res.63, export notes, ACC e desconto de duplicatas: valores referentes a 04/04/01.